

# A PERSPECTIVA DE PROFISSIONAIS BILÍNGUES ACERCA DO DESENVOLVIMENTO DE CRIANÇAS SURDAS

Bianca Aparecida Medeiros<sup>1</sup>  
Lara Ferreira dos Santos<sup>2</sup>

## RESUMO

A presente pesquisa teve como objetivo discutir de que maneira ocorre o desenvolvimento da linguagem pela criança surda inserida no espaço escolar bilíngue, a partir do discurso de dois profissionais da educação bilíngue de surdos: instrutor surdo de Libras e professor bilíngue. Para tal, o estudo se propôs a utilizar uma abordagem qualitativa com estudo de caso, o qual foi realizado por meio de entrevista semi-estruturada *online* com dois profissionais da educação bilíngue; os participantes selecionados atuam na Educação Infantil, em uma escola com proposta de educação bilíngue para surdos, em um município de médio porte do interior de São Paulo. Os dados coletados foram transcritos e analisados, e apresentados em duas categorias: o desenvolvimento dos alunos surdos e as diferenças do trabalho entre professor bilíngue e instrutor surdo. Os resultados possibilitaram a compreensão da importância da atuação de ambos os profissionais no contexto escolar, cada qual com diferentes funções, visto que são fundamentais para o processo de aquisição e desenvolvimento de linguagem, cultura e identidade da criança surda. Contudo, nota-se que há ainda desafios quanto à oferta de uma educação bilíngue de fato, bem como a falta de formação profissional específica, a desvalorização e insegurança profissional, e a clareza sobre seus papéis.

**Palavras-chave:** Educação Especial. Educação bilíngue de surdos. Aquisição de linguagem. Língua Brasileira de Sinais.

## *THE PERSPECTIVE OF BILINGUAL PROFESSIONALS ON THE DEVELOPMENT OF DEAF CHILDREN*

## ABSTRACT

The present research aimed to discuss how language development occurs for deaf children within a bilingual school environment, based on the perspectives of two bilingual education professionals for the deaf: a deaf Libras instructor and a bilingual teacher. To achieve this, the study employed a qualitative case study approach, conducted through semi-structured online interviews with two bilingual education professionals. The selected participants work in Early Childhood Education at a school with a bilingual education proposal for the deaf, located in a medium-sized municipality in the interior of São Paulo. The collected data were transcribed, analyzed, and presented in two categories: the development of deaf students and the differences in the work between the bilingual teacher and the deaf instructor. The results allowed for an understanding of the importance of both professionals' roles in the school context, each with different functions, as they are essential to the process of language acquisition and development, as well as the culture and identity of the deaf child. However, it is noted that there are still challenges regarding the provision of truly bilingual education, as well as the lack of

<sup>1</sup>Bacharel em Tradução e Interpretação de Língua Brasileira de Sinais e Português. Universidade Federal de São Carlos, São Carlos (SP), Brasil. E-mail: [bianca.medeiros9641@gmail.com](mailto:bianca.medeiros9641@gmail.com)

<sup>2</sup>Doutora em Educação Especial. Universidade Federal de São Carlos, São Carlos (SP), Brasil. Membro do grupo de pesquisa Surdez e Abordagem Bilíngue. ORCID id: <https://orcid.org/0000-0002-3196-9346>. E-mail: [lfsantos@ufscar.br](mailto:lfsantos@ufscar.br).

specific professional training, professional devaluation and insecurity, and clarity about their roles.

**Keywords:** Special Education. Bilingual education for the deaf. Language acquisition. Brazilian Sign Language.

## ***LA PERSPECTIVA DE PROFESIONALES BILINGÜES SOBRE EL DESARROLLO DE NIÑOS SORDOS***

### **RESUMÉN**

La presente investigación tuvo como objetivo discutir de qué manera ocurre el desarrollo del lenguaje en los niños sordos insertos en un entorno escolar bilingüe, a partir del discurso de dos profesionales de la educación bilingüe para sordos: un instructor sordo de Libras y un profesor bilingüe. Para ello, el estudio se propuso utilizar un enfoque cualitativo con un estudio de caso, que se realizó a través de entrevistas semiestructuradas en línea con dos profesionales de la educación bilingüe; los participantes seleccionados trabajan en Educación Infantil, en una escuela con una propuesta de educación bilingüe para sordos, en un municipio de tamaño mediano en el interior de São Paulo. Los datos recopilados fueron transcritos, analizados y presentados en dos categorías: el desarrollo de los estudiantes sordos y las diferencias en el trabajo entre el profesor bilingüe y el instructor sordo. Los resultados permitieron comprender la importancia del papel de ambos profesionales en el contexto escolar, cada uno con funciones diferentes, ya que son fundamentales para el proceso de adquisición y desarrollo del lenguaje, la cultura y la identidad del niño sordo. Sin embargo, se observa que aún existen desafíos en cuanto a la oferta de una educación verdaderamente bilingüe, así como la falta de formación profesional específica, la desvalorización e inseguridad profesional, y la claridad sobre sus roles.

**Palabras clave:** Educación Especial. Educación Bilingüe para Sordos. Adquisición del Lenguaje. Lengua de Señas Brasileña.

### **INTRODUÇÃO**

A aquisição da linguagem na primeira infância é importante e necessária para um desenvolvimento pleno. É através dela que a criança desenvolve seu pensamento, se apropria de conceitos e é capaz de interagir com o mundo. Ao iniciarmos os estudos no campo da surdez, se faz necessário compreender como ocorre a aquisição de linguagem e qual a sua importância para o desenvolvimento de crianças surdas.

Compreendemos, neste estudo, a língua como um fato social, pois a linguagem consiste em um sistema simbólico que foi construído na história do homem. Desse modo, a aquisição da linguagem ocorre de maneira natural, pois acontece através do contato entre pares (Vigotski, 1996; Bakhtin, 2009). A criança, então, já nasce em meio a uma língua constituída e em um meio social que favorece

seu desenvolvimento linguístico, dessa forma, através do contato entre falantes da língua a criança constitui aos poucos sua linguagem e pensamento.

Para Vigotski (1996) a criança não é um mero receptor passivo de conhecimento, pois ela desenvolve e constrói seu pensamento através de suas experiências e interação com o mundo. Assim, a aquisição de conceitos vem através da relação prática com objetos, pessoas e os significados que a criança atribui a eles na relação com o outro. Dessa maneira, para chegar ao significado das palavras, é necessário que a criança já tenha domínio de seu pensamento, pois a linguagem exerce a função planejadora e organizadora.

Assim, as crianças surdas ficam em desvantagem em relação às crianças ouvintes, pois essas adquirem sua língua naturalmente em um ambiente de comunicação oral. Deve-se então, focalizar a atenção em favorecer a aquisição da língua pela criança surda, sem, no entanto, focar em seu déficit auditivo. Desse modo, é a língua de sinais mostra-se fundamental para os processos de linguagem e aprendizagem da criança surda, visto que é por meio desta que ela terá acesso ao conhecimento e poderá interagir com o mundo.

No Brasil, a Língua Brasileira de Sinais - doravante Libras - é reconhecida como meio de comunicação e expressão das comunidades surdas através da Lei 10.436/2002 (Brasil, 2002). O Decreto 5.626/2005 (Brasil, 2005) o qual regulamenta a Lei 10.436/2002 dispõe dentre outros temas, sobre a educação de surdos e a formação de intérpretes e instrutores de Libras.

De acordo com o Decreto (Brasil, 2005), em seu Capítulo VI, o qual dispõe sobre a garantia ao acesso à educação para crianças surdas, prevê-se que as instituições federais de ensino devem garantir o ensino desde a educação infantil. Para tanto é prevista a criação de salas e escolas bilíngues com a presença de um professor que também domine Libras e Português, e que ministre os conteúdos em Libras. Desse modo, em escolas e classes bilíngues é previsto que a Libras seja ofertada enquanto primeira língua, e o português seja ensinado na modalidade escrita, como segunda língua.

Compreende-se, assim, que a língua de sinais é o pilar central no ensino bilíngue. Segundo Barroso (2018), essa abordagem defende, ainda, que todo surdo deve ter o contato com a língua de sinais o mais precocemente possível. Além de

ser preparada para a recepção dos alunos surdos através de uma metodologia adequada, a escola bilíngue tem como objetivo ofertar um ensino em que a Libras desenvolva papel central. Desse modo, é previsto que a criança surda tenha seu pleno desenvolvimento e identidade formada dentro desse espaço.

Apesar de ser uma modalidade já existente dentro da Educação Especial, no ano de 2021 foi aprovada a Lei que sanciona a Educação Bilíngue para surdos enquanto uma modalidade de ensino. De acordo com a Lei 14.191 (Brasil, 2021) a Educação Bilíngue para surdos deve ser garantida desde a Educação Infantil tendo como objetivos a valorização da cultura e identidade surda e ensino de conhecimentos e informações técnicos e científicos. Para tanto, é prevista a formação de professores bilíngues e instrutores surdos aptos a atuar com a Língua Brasileira de Sinais e o português na modalidade escrita.

O Decreto 5.626/2005 no artigo 7º aponta sobre as providências para a garantia do ensino para crianças surdas. Nesse sentido, está prevista a contratação de professores que tenham conhecimento da Libras com os seguintes perfis a) Instrutor de Libras (prioritariamente surdo), b) Intérprete de Libras-Português, c) Professor de Português como segunda língua para surdos, d) Professor regente com conhecimento em Libras e da área da surdez e por último, e) professor bilíngue.

Diante do texto do Decreto 5.626 nota-se que na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental, objeto deste estudo, recomenda-se que as salas de aula sejam bilíngues, ou seja, onde a Libras seja a língua de instrução, os conteúdos sejam ministrados por professores bilíngues, e a língua portuguesa seja ofertada como segunda língua na modalidade escrita. Outro aspecto a ser considerado neste contexto escolar é a presença do instrutor de Libras – ou instrutor surdo -, responsável pelo ensino da Libras às crianças surdas, especialmente porque, de acordo com Moura (2013), 95% das famílias de surdos são ouvintes e, portanto, as crianças surdas chegam à escola sem uma língua efetiva.

Assim sendo, entende-se que apenas estes dois atores devem figurar o espaço escolar na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental – e é por esta razão que, a seguir, vamos explorar a atuação de dois destes profissionais: o instrutor de Libras e o professor bilíngue.

A presença do instrutor de Libras enquanto figura de referência identitária e linguística é imprescindível, assim como a presença do professor bilíngue, responsável pelos processos de ensino e aprendizagem.

A presença do instrutor surdo em âmbito escolar se dá devido ao seu papel enquanto usuário fluente da língua e conhecedor da cultura surda; dessa forma, cabe ao instrutor surdo a responsabilidade pelo ensino da língua para aos educandos surdos, profissionais da escola e familiares, bem como organizar metodologias de ensino e criar um espaço favorável para o desenvolvimento das crianças (Corradi, 2012). Para tanto, esse profissional deve ter uma formação profissional e ter fluência em Libras (Brasil, 2005).

Compreende-se que grande parte das crianças surdas ingressa em âmbito escolar com uma aquisição de língua precária e fragmentada. O instrutor surdo se torna, então, uma referência tanto para a criança surda quanto para a sua família, pois esse profissional atua de modo a introduzir a língua na vida da criança e assim, conduzi-la à apropriação de mundo (Corradi, 2012; Rocha; Nascimento, 2019; Pessoa, 2023).

Apesar de o instrutor de Libras atuar prioritariamente com o ensino da língua, sua atuação permite a identificação entre pares e a interação para com a sociedade. Ao adquirir uma língua, a criança começa a dominar conceitos socialmente construídos e através deles, ocorre o desenvolvimento das funções psicológicas. Para que isso ocorra, no entanto, é necessário, segundo o Decreto 5.626/2005, que o instrutor de Libras tenha conhecimento da língua e seja usuário dela, como também tenha curso superior ou formação em nível médio e tenha a certificação de proficiência da língua.

Atualmente, embora existam cursos de formação para instrutor surdo de Libras, é válido afirmar que esses ainda são insuficientes e que a comunidade surda tem pouco acesso a eles. Contudo, para a formação do instrutor surdo é necessário um estudo árduo e uma formação em serviço, tendo como objetivo uma postura adequada de professor de língua.

As autoras Lodi, Rosa e Almeida (2012), mostraram em sua pesquisa sobre “Apropriação da Libras e o Constituir-se Surdo” que o ensino da Libras enquanto língua concreta e viva possibilitou às alunas surdas, alvo da pesquisa, a interação

e a possibilidade de se expressar. Desse modo, as alunas se apropriaram da língua e da cultura surda de modo a abandonar gestos caseiros e mímicas, se apropriando de conceitos e conhecimentos. Percebe-se assim, que a presença do instrutor surdo não só permite a identificação entre os alunos como também a construção de sua própria identidade.

Portanto, esse profissional que media o conhecimento da criança surda, lhe dá ferramentas para o seu desenvolvimento tendo um maior cuidado com adaptação curricular do ensino do aluno e também é responsável por ser uma referência identitária, social e afetiva para a criança (Santos; Gurgel, 2014).

Considera-se, ademais, que a prática pedagógica para o ensino das crianças surdas é imprescindível para o desenvolvimento do aluno, contudo, esta prática é somente um dos elementos importantes para a formação da criança surda. Cabe a escola, além de estar organizada e pronta para a recepção do aluno surdo, reconhecer a importância do instrutor surdo em sala aula, e a este, cabe a tarefa de realizar a mediação de conhecimento de modo a possibilitar que o aluno surdo compreenda sua realidade social e cultural (Corradi, 2012; Pessoa, 2023). Assim, a legislação e os estudos destacados até o presente momento apontam para a necessidade de contratação desses profissionais, pois qualquer que seja a ação pedagógica utilizada ao ensino de surdos, deve considerar como ponto principal a condição linguística e cultural do sujeito surdo.

Passemos agora a outro ator de suma relevância no espaço educacional bilíngue: o professor bilíngue. É necessário, primeiramente, conhecer o seu papel enquanto docente e também enquanto sujeito atuante na educação bilíngue, pois tal modalidade de ensino não visa somente a aquisição da língua, como também a plena aprendizagem e desenvolvimento dos alunos enquanto sujeitos atuantes na sociedade.

O Decreto 5.626/2005 regulamenta a presença de um professor regente bilíngue na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental, para que a língua de instrução seja a Libras. A partir da segunda etapa do Ensino Fundamental, está prevista a presença de tradutores e intérpretes educacionais. No entanto, apesar de ser garantida por lei, essa não é a realidade comum em nosso país.

Embora o Decreto 5.626/2005 apresente a figura do professor bilíngue, o texto não menciona detalhes sobre sua formação ou a execução de uma educação bilíngue. Ainda que o professor atue com duas línguas de instrução para o alunado surdo, não significa que exista a aquisição e apropriação de saberes de fato, de modo a proporcionar uma aprendizagem bilíngue. Assim, percebe-se que o Decreto 5.626/2005 faz menção a um conhecimento linguístico mas não necessariamente pedagógico.

O professor bilíngue, além de ser responsável pelos processos de ensino e aprendizagem também tem como papel, segundo Barroso (2018), o ensino do português na modalidade escrita, e ainda o ensino da Libras enquanto ferramenta de empoderamento para a criança surda.

Segundo Lacerda, Albres e Drago (2013), é necessário enfatizar que esse profissional ainda não tem um papel demarcado, pois seu conceito ainda é fluído e não bem definido. No entanto, compreende-se como professor bilíngue aquele profissional com fluência em Libras, o qual também atua de forma a desenvolver o português escrito para os alunos surdos tendo como base metodologias específicas. Ainda segundo as autoras, o professor bilíngue deve ter formação em curso superior de pedagogia ou licenciatura específica e atua de modo a promover o ensino e a aprendizagem do aluno surdo em âmbito escolar, utilizando a Libras como língua de instrução.

Segundo o Decreto 5.626/2005, o professor bilíngue de Libras deve apresentar formação em nível superior ou pós-graduação com certificação de proficiência da língua, esse expedido pelo Ministério da Educação (MEC). Contudo, esse profissional deve ter conhecimento da Libras, da língua portuguesa e conhecimentos na área da surdez, visto que atua em contato direto com crianças surdas. Ainda segundo o Decreto, também é prevista a criação de cursos de pedagogia bilíngue para professores surdos e ouvintes para a atuação na Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental, no entanto, ainda existem poucos cursos e conseqüentemente, a formação de poucos profissionais.

Considerando a escola bilíngue, percebe-se a importância de um currículo estruturado pensado nas especificidades da comunidade surda, sua cultura e língua, ofertando, desse modo, uma metodologia rica e dinâmica.

Compreende-se que muitos alunos surdos ingressam na escola sem a aquisição de uma língua ou com pouco domínio dela, dessa forma, cabe ao professor bilíngue atuar de modo ensinar a Libras e o português em sua modalidade escrita, muitas vezes concomitantemente. Assim, segundo Barroso (2018), cabe a esse profissional levar em consideração o que a criança já sabe, suas interações e enunciados de modo a conduzi-la para a aquisição de novos conhecimentos, para tanto, se faz necessário que tanto professor quanto alunos surdos estejam imersos em um ambiente bilíngue.

Por fim, nota-se que o instrutor de Libras e o professor bilíngue executam trabalhos semelhantes, uma vez que atuam na mediação do conhecimento e com o ensino da Libras. Contudo, deve-se enfatizar a importância do instrutor de Libras surdo, o qual atuará no ensino de Libras de modo a proporcionar o reconhecimento das diferenças, a interação entre pares e a apropriação da língua. Diferentemente desse profissional, o professor bilíngue atua enquanto docente responsável pelos processos de ensino e aprendizagem, mas para tanto, é fundamental o conhecimento profundo da Libras e também da língua portuguesa, visto que esse profissional atua com ambas línguas, de modo a introduzi-las na vida de seus educandos surdos.

Diante do exposto, o presente estudo tem como objetivo compreender como se dá o desenvolvimento da criança surda a partir do discurso de diferentes profissionais: instrutor surdo de Libras e professor bilíngue, profissionais importantes no processo de aquisição de língua da criança surda. Como objetivos específicos propõem-se: compreender o trabalho do instrutor surdo e do professor bilíngue com relação ao desenvolvimento da linguagem; analisar a diferença existente no trabalho desses profissionais em uma escola bilíngue.

## PERCURSO METODOLÓGICO

A presente pesquisa<sup>3</sup> tem caráter qualitativo e buscou compreender comportamentos e ações de dois profissionais da educação bilíngue; para tanto se utilizou de um estudo de caso. Atualmente, o estudo de caso tem sido utilizado em larga escala, principalmente nas ciências sociais, pois permite a compreensão e o estudo aprofundado de um único fenômeno (Gil, 2007).

Visando uma melhor interação para com os participantes, a obtenção de dados mais ricos e uma melhor compreensão do objeto em foco, o estudo de caso foi realizado a partir de entrevistas com um instrutor surdo e um professor bilíngue que atuam em uma sala de educação infantil, em uma escola municipal regular, com programa de educação bilíngue para surdos (com atendimento na Educação Infantil e Ensino Fundamental I em período integral), em uma cidade de médio porte do interior de São Paulo. As entrevistas foram semi-estruturadas e realizadas de modo *online* com dois participantes.

A seleção dos profissionais da área para estudo de caso se deu devido a sua atuação na Educação Infantil da escola mencionada, a qual está atendendo aos alunos surdos conforme as orientações legais, com proposta educacional no município desde o ano 2020. A escola conta com salas bilíngues (com professores bilíngues e língua de instrução Libras) na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental I.

Apesar de a proposta de educação bilíngue da escola estar em funcionamento, não houve concurso para a contratação de profissionais para a instituição, dessa forma, tanto o instrutor surdo quanto a professora bilíngue entrevistados são “emprestados” pelo município para a atuação nesta escola.

Ambos participantes da pesquisa possuem formação em nível superior. O instrutor surdo é formado em Letras Libras pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) com pós-graduação em Ensino de Libras para Surdos pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). A professora bilíngue é formada em Pedagogia e possui um curso de especialização em Tradução e Interpretação de

---

<sup>3</sup>A pesquisa foi submetida ao Comitê de ética em Pesquisa com seres humanos (CEP) e aprovada sob o protocolo 58485122.2.0000.5504.

Libras pela Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP). Tanto o instrutor surdo quanto a professora bilíngue atuam na área da educação há mais de dez anos, e começaram a atuar na escola com proposta bilíngue do município no ano de 2020.

Os profissionais serão caracterizados da seguinte maneira a fim de preservar ambas as identidades: a Professora Bilíngue será nomeada como PB; o Instrutor Surdo, será identificado como IS.

A entrevista seguiu um roteiro semi-estruturado que teve doze questões norteadoras. A coleta de dados ocorreu no mês de julho de 2022 de maneira remota através da plataforma *Google Meet*, tendo ambas as entrevistas a duração de uma hora. As entrevistas foram gravadas e armazenadas, e transcritas na íntegra respeitando o discurso de cada entrevistado. Para a análise das entrevistas foram selecionados trechos dos discursos de ambos profissionais que se referem ao desenvolvimento da criança surda e ao seu trabalho na escola. Serão apresentados trechos das entrevistas, analisados de acordo com as referências teóricas apresentadas neste estudo. Nas análises de dados os trechos de discursos dos entrevistados serão apresentados em itálico e com letra em tamanho reduzido.

Foram criadas duas categorias de análise, de acordo com os objetivos propostos nesta pesquisa e com temas que emergiram de forma mais marcante nos discursos de ambos os profissionais. As categorias versam a respeito do desenvolvimento dos alunos surdos e as diferenças do trabalho entre Professor Bilíngue e Instrutor Surdo.

## **RESULTADOS E DISCUSSÕES**

### **Sobre o desenvolvimento**

A PB tem 16 anos de atuação na área educacional, contudo, essa é a sua primeira experiência como professora bilíngue. Em sua sala de Educação Infantil há cinco alunos surdos, filhos de pais ouvintes. As crianças ingressaram na escola sem possuir uma língua desenvolvida, utilizando apenas gestos caseiros para se comunicar; dessa forma, a metodologia utilizada na escola tem como objetivo a aquisição da Libras a partir de vivências práticas com o brincar.

Compreende-se a importância das vivências na Educação Infantil para o

desenvolvimento de todas as crianças, sobretudo para as crianças surdas, pois é a escola o espaço no qual são ofertadas experiências para que ela desenvolva uma língua. Dessa forma, uma das alternativas encontradas pela PB para a aquisição da língua foi criar um “Diário”, um caderno no qual são narradas todas as vivências das crianças; desde imagens de suas famílias até simples relatos cotidianos. A partir desse material, as crianças ampliam seu repertório linguístico e interagem com os demais colegas de sala.

Além das interações com a professora bilíngue, as crianças também têm, duas vezes por semana, encontros com o instrutor surdo, o qual, a partir de experiências práticas, contações de história, jogos e brincadeiras expõe as crianças surdas ao contato com a língua de sinais.

Compreende-se, dessa forma, que a escola é um lugar caracterizado pela interação e pelas relações, desse modo, é em contato entre pares que as crianças se apropriam de conhecimentos, reconstroem significados e se desenvolvem plenamente, pois segundo Vigotski (1984, s.p), “a construção do conhecimento implica em uma ação partilhada, exigindo uma cooperação e troca de informações mútuas, com conseqüente ampliação das capacidades individuais”.

Em relação ao desenvolvimento das crianças surdas, a PB narra que, apesar do desenvolvimento tardios dos alunos, já é possível perceber mudanças de comportamento em sala de aula:

*(...) Até os alunos maiores, parece que libertou sabe? Até a mãe de uma criança...acho que está no quinto ano, ela disse que a filha é outra criança, outra menina porque ela quer ir para a escola porque lá vão entender o que ela está pensando. É libertador mesmo... a língua é libertadora. Agora os pequenos...Parece que estão na escola faz anos! Eles andam pela escola, voltam...Aprontam, entram de sala em sala... E a gente tá criando, na verdade, regras N/É? [...] Mas aparentemente, eles não têm medo da comunicação porque eles ainda não perceberam que outras pessoas ainda não entendem, sabe? O que os maiores têm...A gente fala, por exemplo, “vai até a secretaria e leva esse papel...Entrega para coordenadora”, nossa, os pequenos descem, vão, entregam o papel e voltam, mas os maiores, eles têm um medo de que não vão entender, de que não vão conseguir se explicar (...) (PB)*

Segundo Vigotski (1984), a linguagem tem duas funções básicas sendo a primeira a função de intercâmbio social e a segunda função descrita enquanto pensamento generalizante. Atentando à primeira função, percebemos que o autor descreve a linguagem enquanto a necessidade de se comunicar, sendo esta

necessidade o principal impulso para o desenvolvimento da linguagem. Assim, a sensação de liberdade relatada pela PB pode ser compreendida como a necessidade de a criança se expressar e interagir com seus pares. Percebe-se, portanto, que a escola se torna um lugar privilegiado de interação, no qual é possibilitado que a criança tenha seu desenvolvimento integral. Isto só é possível porque a escola tem uma proposta de educação bilíngue, onde a Libras figura como língua de comunicação e instrução, sendo acessível aos estudantes surdos.

Através do relato da PB, percebe-se que há uma diferença entre o comportamento das crianças da Educação Infantil e das crianças do Ensino Fundamental, descrito por ela como “crianças maiores”. Podemos atribuir este fato à caminhada educacional realizada anteriormente por esses alunos, os quais estavam inseridos na rede regular de ensino com a presença de intérpretes em sala de aula, tendo o português enquanto língua majoritária no espaço escolar. Nota-se, assim, a importância da Educação Infantil enquanto espaço bilíngue para os alunos surdos desde tenra idade, pois segundo Gurgel et. al (2016), é dentro da escola que as crianças ampliam seu repertório linguístico, têm o desenvolvimento de sua função psíquica e ampliam suas oportunidade de interação com o mundo.

Para Vigotski (1984), o desenvolvimento humano é um processo contínuo de aquisições e transformações que acontecem no indivíduo a partir de suas experiências no contexto das relações sociais. Dessa maneira, o autor descreve o espaço escolar como fundamental para o desenvolvimento do aluno e aquisição de conceitos, pois é na relação entre pares que há o desenvolvimento. O trecho abaixo relatado pela PB ilustra o processo de aquisição de linguagem das crianças surdas a partir das relações sociais.

*(...) Eles já estão conseguindo ter uma discussão em língua de sinais ou já estão contando as coisas, por exemplo, eles chegam e falam que vão na casa da tia porque vai ter festa de aniversário. Isso não tinha antes dentro da minha sala de aula ... .ano passado, não tinha! E esse ano eles já conseguem contar....A gente marca no calendário a data do aniversário deles, N/É, e esse mês foi aniversário do J. e do L., então eu dizia “Olha, você tem 5, mas olha, vai fazer 6” (mostra a mudança de idade em língua de sinais), foi uma brincadeira, N/É.... No dia do aniversário do L., ele fez assim “5, não...6!” (mostrou em língua de sinais a mudança de idade) (risos). Então ele já chegou sabendo que era o dia do aniversário dele...Isso dá emoção pra nós! (PB)*

Compreende-se que é durante a infância que a realidade humana se abre cada vez mais para a criança, propiciando seu desenvolvimento, dessa forma, as relações estabelecidas entre a criança e os sujeitos que pertencem ao seu meio são de essencial importância. Segundo Vigotski, Luria e Leontiev (1989), é através das interações que a inteligência e os processos psicológicos superiores se desenvolvem. Podemos perceber tal fato através da fala do IS:

*(...) Por exemplo, nós levamos o grupo de alunos até o supermercado...Para comprar detergente, sabe? (fez a datilografia do sinal) . Eu perguntei o que era aquilo e o aluno já ergueu a mão, me explicou “é lava-louças!! você aperta e lava os pratos ...”. Eu olhei e falei “tá certo!” Nossa, ele respondeu muito rápido...Sozinho ele já respondeu em Libras do jeitinho dele ...Nossa, eu fiquei admirado! Porque eu não ensinei! Ele mesmo pensou, teve ideia e respondeu perfeitamente do jeito dele. Eu fiquei muito admirado! A outra aluna observou, copiou e já respondeu em Libras também. (...) (IS)*

Pode-se perceber através da fala do IS, que a partir do momento em que a criança tem o domínio da linguagem, o seu pensamento se torna verbal, dessa forma, é possível expressar desejos, sentimentos, reflexões e vontades. Assim, como ilustrado na fala do IS, o aluno pôde manifestar um conhecimento que já havia adquirido em contato com seus pares através da observação.

Percebe-se assim, que é por meio da linguagem que os conhecimentos e conceitos são construídos, desse modo, é através da atividade mediadora entre sujeitos e objeto de conhecimento que há a compreensão e o compartilhamento de experiências (Lacerda, 1998).

Além disso, é possível identificar ainda na fala citada a questão da imitação, pois ao observar a interação entre o aluno surdo e o IS, a aluna pôde imitar o seu colega. Para Vygotsky (1996), a imitação tem grande importância, pois é estabelecida através do contato entre pares e auxilia na internalização de conhecimento. Dessa forma, segundo o autor, a imitação é uma capacidade humana, pois somente os seres humanos são capazes de aprender conceitos e comportamentos novos através dela. Assim, o contato entre pares é de essencial importância, pois a imitação é compreendida por toda atividade que a criança não consegue realizar sozinha sem a mediação de adultos.

Percebe-se, portanto, que em ambas falas é possível reconhecer o potencial existente na relação entre pares, pois através desta, as crianças são capazes de ter

a aquisição de linguagem, internalização de conceitos e, conseqüentemente, o desenvolvimento psíquico.

### **Sobre o papel da professora bilíngue e do instrutor surdo**

A escola tem como principal característica ser um espaço de aprendizagem, contudo, também é responsável por promover a socialização de seus alunos. A partir da convivência social, a escola possibilita a partilha dos conhecimentos historicamente construídos, troca de experiências e contato com diferentes culturas.

Em relação à escola bilíngue, defende-se que todas as crianças surdas necessitam ter contato com sujeitos que utilizam a língua de sinais desde tenra idade, respeitando os aspectos culturais, sociais e metodológicos, conforme apontam Lacerda e Goés (2007, p.01), que cabe à escola

[...] oferecer oportunidades para que a criança se torne bilíngue, esteja em interação com pares em sua língua e tenha contato com a comunidade surda, podendo se reconhecer como pertencente a ela e (re)conhecer aspectos pertinentes à surdez.

Deste modo, é necessário que os educadores envolvidos neste processo tenham domínio da língua de sinais e conhecimentos na área da surdez. Para o IS, o professor bilíngue é o verdadeiro responsável pelos processos de ensino-aprendizagem, pois:

*(...) O instrutor surdo ajuda os alunos, incentiva a aquisição da língua porque tem o mesmo modo de compreensão dos alunos surdos, então é um modelo para as crianças surdas. Em relação ao ensino, o instrutor surdo trabalha junto com o professor bilíngue, então todos os materiais da aula e atividades o professor bilíngue passa para o Instrutor Surdo, ele organiza e auxilia os alunos surdos na compreensão. O professor bilíngue de Libras é diferente... Tem muito mais responsabilidade, porque precisa compreender as teorias, realizar leituras, saber como adaptar os materiais para os alunos surdos, refletir sobre as diferentes estratégias de ensino e preparar materiais como vídeos... várias coisas! O professor bilíngue trabalha em parceria com o instrutor surdo e aproveita ao máximo todas as características do instrutor surdo para conseguir ofertar um ensino de qualidade e que seja aprofundado. (IS)*

Cabe ao professor bilíngue ser um profissional capacitado e com conhecimentos específicos para conduzir os alunos ao desenvolvimento acadêmico

e linguístico. Contudo, para que o trabalho desenvolvido seja de verdadeira qualidade, é necessário que exista uma parceria entre professor bilíngue e instrutor surdo. Segundo a PB:

*(...) Às vezes eu tento explicar alguma coisa em Língua de Sinais mas eu penso como ouvinte, eu nunca pensarei como surdo, por mais que eu tenha contato, por mais que eu viva bastante com eles, eu nunca vou conseguir chegar a uma explicação tão boa quanto a do instrutor surdo. Às vezes eu falo “IS, eu não tô conseguindo explicar isso..!” Então ele vai, senta e eles conversam e... é a língua dele N/É? É o pensamento dele, é o jeito que ele enxerga a vida. É diferente da minha! Então é de extrema importância o Instrutor Surdo dentro de uma escola bilíngue..Acho que sem o Instrutor Surdo, uma escola bilíngue não é boa o suficiente. (PB)*

Ao Instrutor Surdo, cabe a tarefa de utilizar de diferentes recursos para o ensino da língua de sinais para seus educandos, dessa forma, diferentes estratégias como uso de imagens, slides, contações de histórias e brincadeiras são utilizadas por ele. Compreende-se, que o trabalho realizado na instituição bilíngue não é simples ou fácil, pois requer mudanças atitudinais, estruturais e metodológicas na escola.

A inserção do professor surdo na sala de aula contribui para que os alunos não somente encontrem possibilidades de construção da narrativa em língua de sinais, mas também se percebam como surdos, construindo sua identidade já na idade de 5-7 anos, assumindo e diferenciando papéis na interação. A perspectiva de educação bilíngue na área da surdez está antecipando a consciência dos próprios surdos sobre o significado da surdez, o que há bem pouco tempo acontecia somente na idade adulta (Gesueli, 2006, p.277).

Desse modo, percebe-se a importância da presença desse profissional na instituição escolar, pois é através dele que os educandos terão um modelo linguístico e cultural. Além disso, através da fala da PB, percebe-se também o quanto a presença do Instrutor é essencial, pois muitas vezes devido a barreira linguística, a PB encontra dificuldades para a explicação de conteúdos, dificuldade esta, que pode ser suprida juntamente com o instrutor, o qual dá ferramentas e auxílio para a construção de conceitos a partir da língua de sinais. Dessa forma, em âmbito escolar, o instrutor surdo é uma figura de referência e modelo para seus educandos.

E diferentemente do que ocorre em uma sala de aula, o instrutor surdo não é o responsável pelo ensino formalizado; ele é um mediador da linguagem e conhecedor da língua de sinais, que vai partilhar seu saber de forma lúdica, buscando a imersão das crianças no universo da Libras (Santos; Gurgel, 2014, p.54)

Na perspectiva de Vigotski (1996), nos constituímos enquanto sujeitos através da e pela linguagem, assim, através de interações e produções discursivas, o sujeito internaliza a linguagem e assim, se constitui enquanto ser social, desse modo, é de extrema importância a presença do instrutor surdo, pois esse auxilia na aquisição da linguagem e na constituição da identidade de seus alunos.

Compreende-se, portanto, que é a partir do convívio com os outros sujeitos que existe a constituição do “eu”. Desse modo, a convivência com o instrutor surdo é de extrema importância aos educandos surdos, pois, é em contato com o adulto falante da língua que a criança se apropria dela, tem seu desenvolvimento psíquico e a constituição de sua subjetividade.

Desse modo, percebemos que há diferenças entre o trabalho do IS e PB, pois cabe ao professor bilíngue de Libras ser o verdadeiro responsável pelos processos de ensino-aprendizagem, enquanto que o instrutor surdo tem como foco a apropriação da língua de sinais pelos alunos. Segundo Santos e Gil (2012, p.61) “o instrutor surdo é um educador que deve trazer para o espaço escolar os valores, aspectos culturais, emoções e percepções da ótica da pessoa surda; além disso, ele é o representante da língua e cultura surda no espaço escolar.”

Em relação ao professor bilíngue, cabe a esse ser responsável pelo ensino dos conteúdos escolares, adaptações do currículo e ensino do português enquanto segunda língua. Segundo Formagio e Lacerda (2016, p.193) “pode-se inferir então que o papel do professor bilíngue é: lecionar em Libras os conteúdos do currículo, ensinar Libras como L1 e ensinar português como L2”.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A análise realizada permite a compreensão da diferença do trabalho e das funções do Professor Bilíngue e do Instrutor Surdo, bem como a sua complementaridade. Notou-se nas entrevistas que para um ensino de qualidade é

necessário que haja a parceria entre os profissionais, pois a presença de ambos se caracteriza enquanto principal elemento para a aquisição da Libras, dos conteúdos/conhecimentos essenciais (e que são a base de todo aprendizado posterior), e ainda do português escrito. Por meio dessa parceria entre Instrutor Surdo e Professor Bilíngue é possível ofertar um ensino que seja elaborado para as especificidades linguísticas e culturais, e que desperte a curiosidade dos alunos surdos.

Todavia alguns aspectos ainda merecem atenção, como a ausência de políticas públicas que assegurem a contratação efetiva dos profissionais para a educação bilíngue. Conforme citado nas entrevistas, especialmente pelo instrutor surdo, esses profissionais são “emprestados”, ou seja, estão alocados temporariamente neste espaço para atendimento das demandas e qualquer mudança política pode colocar fim à atuação deles. Por esta razão enfatizamos a necessidade da abertura de concursos públicos e a criação de leis municipais que assegurem a presença deles nas escolas ditas bilíngues.

Sabe-se que a presença desses profissionais nas escolas é relativamente recente, e que surgiu por meio de imposição legal para atendimento às necessidades dos alunos surdos. Ressalta-se, de todo modo, a importância da valorização profissional do Professor Bilíngue e do Instrutor Surdo; há que se considerar sua formação (inicial e continuada), remuneração adequada e respeito às suas funções em sala de aula e na escola. Somente dessa forma pode-se ofertar educação bilíngue de qualidade para crianças surdas.

## REFERÊNCIAS

- BARROSO, A. **Professor Bilingue Para Surdos: Análise da Prática de Letramento por Meio da Autoconfrontação** / Adriana Fernandes Barroso. p. 109, 2018. Dissertação (mestrado)-Universidade Federal de São Carlos, campus São Carlos, São Carlos. 2018.
- BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. *In*: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009 [1952/53]
- BRASIL. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. **Diário Oficial da União**, Brasília, 23 de dezembro de 2005.
- BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, 25 de abril de 2002.
- BRASIL. Lei nº 14.191 de 3 de agosto de 2021. Dispõe sobre a modalidade de Educação Bilingue de surdos. **Diário Oficial da União**, Brasília, 3 de agosto de 2021.
- CORRADI, J. A Importância no Aprendizado do Aluno Surdo sob a Mediação do Instrutor Surdo. **Revista Diálogos e Saberes**, v.08, n.01, 2012.
- FORMAGIO, C.L.S.; LACERDA, C.B.F de. **Práticas pedagógicas do ensino de português como segunda língua para alunos surdos no ensino fundamental**. *In*: LACERDA, C.B.F de; SANTOS, L.F. dos; MARTINS, V.R.O. de (org.). Escola e diferença: caminhos para a educação bilíngue de surdos. São Carlos: UFSCar, 2016. p. 169-241.
- GESUELI, Z. M.. Língua(gem) e identidade: a surdez em questão. **Educação & Sociedade**, v. 27, n. 94, p. 277–292, jan. 2006.
- GIL, A. C. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 2007.
- LACERDA, C. B. F. Um pouco da história das diferentes abordagens na educação dos surdos. **Cad. CEDES**, Campinas, v. 19, n. 46, p. 68-80, set. 1998.
- LACERDA, C.; ALBRES, N.; DRAGO, S. Política para uma educação bilíngue e inclusiva a alunos surdos no município de São Paulo. **Educação e Pesquisa**, v.39, n.01, 2013, p.65-80.
- LACERDA, C. B. F.; GOÉS, M. C. R. A Educação Infantil e o processo de construção da condição bilíngue pela criança surda. *In*: **Encontro de Pesquisa**

**em Educação da Região Sudeste**, 8, 2007, Vitória. Anais, Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, 2007. p.1-9. CD-ROM.

LODI, A. C. B.; ROSA, A. L. M.; ALMEIDA, E.B. de. Apropriação da Libras e o constituir-se surdo: a relação professor surdo-alunos surdos em um contexto educacional bilíngue. **ReVEL**, v. 10, n. 19, 2012. [www.revel.inf.br].

MOURA, M. C.. Surdez e Linguagem. In: LACERDA, C. B. F.; SANTOS, L. F.. **Tenho um aluno surdo**, e agora? Introdução à Libras e educação de surdos. – São Carlos: EdUFSCar, 2013.

PESSOA, E.C. **Educação Bilíngue de surdos**: a influência do Instrutor Surdo na aquisição de linguagem de estudantes surdos. 2023. 48f. TCC (Graduação). Universidade Federal de São Carlos, São Carlos. 2023.

ROCHA, D. S.; NASCIMENTO, L. C. R. Professor ou instrutor? Reflexão sobre a profissão do educador surdo. **Revista Sinalizar**, v. 4, 2019.

SANTOS, L. F. dos; GIL, M. S. C. de A. Do gesto ao sinal na Educação Infantil: o aprendizado de Libras por crianças surdas. **ReVEL**, v. 10, n. 19, 2012. [www.revel.inf.br].

SANTOS, L.F.; GURGEL, T.M.A. **O instrutor surdo em uma escola inclusiva bilíngue**. In: LACERDA, C.B.F.; LODI, A.C.B. Uma escola duas línguas: letramento em língua portuguesa e língua de sinais nas etapas iniciais de escolarização. Porto Alegre: Mediação, 2014. p. 51-64.

VIGOTSKI, L. S., LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. **Linguagem, Desenvolvimento e Aprendizagem**. São Paulo, Ícone, 1989.

VIGOTSKI, L. S. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo, Martins Fontes, 1936.

VIGOTSKI, L. S. Problemas de método. In: **A formação social da mente**. Tradução José Cipolla Neto, Luis S. M. Barreto, Solange, C. Afeche. 3. Ed. São Paulo Martins Fontes, 1984.

VIGOTSKI, L. S. **Obras escogidas**. Tomo IV. Madri: Visor, 1996.

Recebido em: 09 de setembro de 2024.  
Aprovado em: 10 de novembro de 2024.  
Publicado em: 30 de dezembro de 2024.

